

# UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E DRAMATIZAÇÃO NO DISCURSO LITERÁRIO DE FONTES IBIAPINA

BRANCO, Luis Felipe da Silva Castelo <sup>1</sup>

MOURA, João Benvindo de <sup>2</sup>

**RESUMO:** a análise do discurso literário amplia o entendimento de como se dá o processo de produção de sentidos no universo ficcional. Considerando isso, este trabalho busca oferecer uma análise semiolinguística do discurso literário de Fontes Ibiapina. Para tanto, selecionamos como *corpus* a sua obra *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), um clássico romance regionalista sobre a passagem da seca no sertão piauiense. Trata-se de um estudo de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, descritivo quanto aos objetivos, bibliográfico e documental no tocante aos procedimentos de coleta de dados. Como base teórica, utilizamos do arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística, principalmente dos trabalhos de Charaudeau (2007, 2010, 2016, 2017). Desse modo, procuramos identificar a presença das categorias do *ethos* e *pathos*, através dos procedimentos de identificação e dramatização, como estratégias discursivas para a encenação dessa narrativa. Como resultados, observamos a constante presença de um *ethos* coletivo na identificação dos personagens, baseado nas imagens de sofrimento, tradição, necessidade e pobreza. Aliado a isso, notamos uma predominância da tópica da dor para a construção de sua dramatização. Contudo, demonstramos a aplicabilidade da Semiolinguística para o trabalho com o discurso literário, reforçando que ele também funciona a partir de uma problemática de influência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso Literário, Teoria Semiolinguística, Piauí, Fontes Ibiapina.

## Considerações iniciais

A literatura é um espaço de construção e encenação de realidades. Enquanto ato de linguagem, ela é produto das intencionalidades de um sujeito, situada histórica e socialmente, e jamais isenta de ideologias. Por isso mesmo, a análise do discurso literário, longe de reduzir

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI/CNPq). E-mail: luisfscb@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui doutorado e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Fundador e atual coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq. E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br  
*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1* 130

o seu valor enquanto produção artística, busca, dentre outras coisas, compreender o papel da linguagem para instauração e manutenção dessas relações.

Partindo desses pressupostos, este trabalho tem por objetivo oferecer uma análise semiolinguística do discurso literário de Fontes Ibiapina, focalizando os processos de identificação e dramatização empregados no decorrer da obra. Para tanto, selecionamos como *corpus* o romance *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), de autoria desse literato piauiense. Dentre as razões para essa escolha, destacamos a sua importância para a literatura nacional e, sobretudo, local, enquanto um clássico regionalista da segunda metade do século XX, premiado no 7º Concurso Nacional do Clube do Livro, ao passo em que permanece às margens de um reconhecimento pelo grande público, sendo pouco trabalhado e pesquisado nas escolas e universidades, mesmo possuindo um enredo tão marcante acerca da passagem da seca de 1932 no sertão piauiense, assim como o drama de uma população abandonada pela sorte e pelo poder público.

Diante dessas singularidades, selecionamos como base teórica o arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística, principalmente dos trabalhos de Charaudeau (2007, 2010, 2016, 2017), além das contribuições de Corrêa-Rosado (2014), Galinari (2014), Moura (2020), entre outros autores. Tivemos como referência, ainda, as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI/CNPq), cuja produção encontra-se publicada nas seguintes obras: Moura; Batista Jr. e Lopes (2017); Lopes; Batista Jr. e Moura (2018); Moura (2020); Moura e Lopes (2021); Moura e Magalhães (2021). Foram fundamentais, também, as pesquisas de Castelo Branco (2021a, 2021b) e Oliveira (2021).

Sobre a metodologia utilizada para a sua realização, podemos classificá-la como uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, descritiva quanto aos objetivos, bibliográfica e documental no que diz respeito aos procedimentos de coleta de dados.

A começar pela presente introdução, traremos, a seguir, uma breve apresentação do nosso referencial teórico, focalizando alguns conceitos basilares para a Semiolinguística, como o ato de linguagem, as circunstâncias de discurso e estratégias discursivas. Adiante, apresentaremos os nossos resultados, organizando-os em dois momentos, um para o processo de identificação, outro para o processo de dramatização. Ao final, traremos as nossas considerações finais obtidas a partir deste estudo.

## **A Teoria Semiolinguística: o ato de linguagem, as circunstâncias de discurso e a retomada da trilogia aristotélica**

No campo dos estudos da linguagem, a Análise do Discurso pode ser pensada como uma abordagem interdisciplinar, visto que se preocupa em abordar o enunciado considerando as suas circunstâncias socioculturais de realização e os sujeitos envolvidos. Nesse espaço, a Teoria Semiolinguística – uma de suas vertentes –, encabeçada pelo linguista e professor francês Patrick Charaudeau, se propõe a trabalhar a linguagem a partir de uma problemática comunicacional e pragmática. Como a sua própria nomenclatura indica, “-semio”, de *semioses*, aponta para a relação entre as diversas formas de expressão e os sentidos, enquanto “-linguística” situa o ponto de partida do seu objeto de estudo e o lugar em que ele será embasado teórico e metodologicamente, ou seja, a partir da matéria languageira.

Dentre os principais postulados da Análise do Discurso Semiolinguística (ADS) estão as noções de ato de linguagem como encenação e a importância do reconhecimento das circunstâncias de discurso para a compreensão dos processos de produção de sentidos. Para essa teoria, o ato de linguagem seria produto de um jogo entre o que é manifesto explicitamente por meio da linguagem e os saberes implícitos associados às suas circunstâncias de discurso. É nessa linha de pensamento que Charaudeau (2016, p.27) concebe o fenômeno languageiro como aquele que “se apresenta sob o duplo aspecto de um explícito incompleto, do ponto de vista da significação desse ato e de um implícito que, tratando das condições de produção/interpretação da linguagem, determinaria a significação desse ato de linguagem”.

Pensando dessa forma, reconhecemos o discurso como um nível da linguagem que ultrapassa o espaço do dizer, composto também por um espaço mais abrangente, o do fazer, em que estariam as suas circunstâncias de discurso, as quais entendemos como:

[...] o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem, ou seja: - saberes supostos a respeito do mundo: as práticas sociais partilhadas; - saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do ato de linguagem: os filtros construtores de sentido (CHARAUDEAU, 2016, p.32).

Em suma, a ADS caracteriza-se pela sua postura de remeter o ato de linguagem a determinados lugares sociais, além de pensar o sujeito como aquele que se apropria da linguagem para significar o mundo conforme as suas intencionalidades. Para tanto, diante das

restrições da situação de comunicação, esse sujeito mobilizaria determinadas margens de manobra na elaboração do seu projeto de fala. Nesse sentido, por aproveitar dessas estratégias na tentativa de projetar os efeitos de sentido pretendidos em seu interlocutor, estamos diante de um sujeito de intencionalidades (CORRÊA-ROSADO, 2014).

Dito isto, conseguimos vislumbrar como a Semiologia postula a existência de uma relação da linguagem com a sociedade, assim como a importância de se remeter o ato de linguagem aos seus lugares psicossociais de produção e interpretação. Dessa forma, acreditamos que ela permita o trabalho com os mais diversos *corpora*, oferecendo um arcabouço teórico-metodológico para a descrição e explicação do funcionamento de diversos discursos, como o literário, midiático, político e o religioso. Sendo assim, de modo mais específico, nos concentraremos na forma como ela possibilita o trabalho com as estratégias discursivas, categorias que nortearão o nosso trabalho.

A respeito delas, é importante reconhecermos que os discursos não só carregam representações ou valores acerca do mundo, como também possuem uma capacidade de influenciar os outros a pensarem e/ou agirem de determinada forma. A depender da situação de comunicação, essa pretensão pode ser bem ou mal sucedida. Afinal, tudo depende da relação estabelecida entre os parceiros da troca linguageira e, sobretudo, das estratégias discursivas utilizadas na construção do ato de linguagem.

De Aristóteles aos atuais estudos em retórica, argumentação e análise do discurso, tais estratégias (ou provas) são concebidas como *ethos*, *pathos* e *logos*. Analisá-las permite uma descrição da maneira como os discursos são organizados de modo a influenciarem os seus interlocutores, isto é, buscando uma adesão ao que é *dito* investindo no *como é dito*.

Remontam ao século III a. C. as primeiras investigações que procuraram sistematizar a argumentação como objeto de estudo. Aristóteles foi o responsável por elas e, por isso, é reconhecido como o pai da argumentação. Nesse cenário, a retórica, conhecida como a arte de persuadir, conquistou um espaço privilegiado na sociedade da época, que buscava formas de negociar os seus interesses políticos, resultando em reflexões sobre o empreendimento oratório que continuaram reverberando, inclusive, na contemporaneidade.

Grosso modo, acreditava-se que uma forma de persuadir o outro a compactuar com suas ideias, orientando a sua forma de agir e compreender o mundo, seria fazendo um manejo específico da enunciação que jogasse com os elementos necessários para conquistar um determinado auditório, independentemente do que se pensasse previamente da figura do orador.

Para que isso fosse possível, seria necessário dedicar-se aos meios de persuasão, ou melhor dizendo, dominar as provas retóricas. Nessa perspectiva, elas seriam de três tipos: “[...] o *logos* (persuasão por meio do raciocínio demonstrado pelo discurso), o *ethos* (persuasão pela imagem de quem fala/orador), e o *pathos* (persuasão pelas paixões suscitadas no ouvinte/auditório)” (MOURA, 2020, p.56).

O reconhecimento desses mecanismos de persuasão gerou um entendimento equivocado de que bastaria usar e abusar da lógica e do rebuscamento das palavras para garantir a adesão às falas de um orador. Como, até o período da Idade Média, semelhantes concepções continuaram presentes, a retórica e aqueles que compartilhavam de suas proposições acabaram perdendo o prestígio e a credibilidade, pois a popularização dos discursos vazios não era mais bem vista. Apesar disso, por volta do século XX, alguns teóricos da argumentação, como Toulmin, Haberman e Perelman, retomaram as contribuições retóricas, atribuindo-lhes, com base nas práticas jurídicas, um caráter ético e natural, abdicando dos antigos modelos estritamente formais e incapazes de explicar algumas complexidades presentes nas relações entre os indivíduos (MOURA, 2020).

De acordo com isso, é possível dizer que o olhar para argumentação nos dias de hoje não é o mesmo que se tinha naqueles tempos. Argumentar é uma atividade complexa e, ao mesmo tempo, presente nas mais diversas interações cotidianas, seja de forma explícita – um advogado defendendo o seu cliente diante de um juiz – ou implícita – nos textos literários em que o escritor busca prender a atenção do leitor à narrativa e/ou fazê-lo mergulhar naquele universo fabricado e nas ideias veiculadas. Por isso, usando das palavras de Moura (2020, p.49), compartilhamos o pensamento de que:

Argumentar é mobilizar justificativas convincentes para as próprias convicções acerca do mundo; é valer-se da língua, considerando a situação de interação; é dominar estratégias de caráter macro e microtextual, visando a atingir o alocutário de tal sorte que ele acabe concordando com o ponto de vista do locutor e possivelmente mudando o próprio comportamento.

Em outras palavras, no projeto de influência do locutor para com os seus interlocutores, a argumentação passa a ser concebida como um processo que leva em consideração tanto os elementos linguísticos quanto os situacionais. Dessa forma, se quisermos pensar nas estratégias utilizadas para atingir esse propósito, mais especificamente, nas provas retóricas, teremos também que ampliar o entendimento a respeito delas. Nessa direção, Galinari (2014), movido

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1* 134

pelas atuais reflexões em torno da argumentação, do discurso e retomando as contribuições retórico/sofísticas, nos mostra que:

[...] os meios de persuasão podem ser encarados, na verdade, nem tanto como três categorias diversas ou três momentos distintos de análise, mas como **dimensões** do mesmo discurso e, principalmente, como três “ferramentas de leitura” para se conjecturá-lo, extraindo, no plano da adesão, possíveis consequências retóricas (p.258, grifo do autor).

Na visão desse autor, como não caberia a uma análise discursiva o julgamento do valor dos discursos, o ideal também seria abandonar algumas dicotomias redutoras que perpassam o trabalho com as provas retóricas. Dentre elas, aquelas que tendem a fixar em planos separados a retórica (o *persuadir*) da argumentação (o *convencer*). Isto porque “o discurso, em sua constitutividade, **não discrimina** enunciados (supostamente) “falaciosos” de “não falaciosos”, “lógicos” de “não lógicos”, ou “argumentativos” de “retóricos”, mas se preocupa, pragmaticamente, com aquilo que é **eficiente** para se produzir a adesão” (GALINARI, 2014, p.262, grifo do autor).

Nesse sentido, as provas retóricas passam a ser vistas como *apostas* para facilitar a adesão aos discursos pelos sujeitos. E, grosso modo, na perspectiva da Análise do Discurso, isso significa dizer que constatar a presença dessas categorias não deverá ser um pretexto para taxar um determinado discurso de “bom” ou “mal”, “falso” ou “verdadeiro”. Ao contrário, elas servirão para demonstrar como se dá o processo de influência no funcionamento dos discursos sociais, inclusive no literário.

Como já foi dito, é com a Teoria dos Sujeitos da Linguagem, encabeçada por Charaudeau e conhecida atualmente como Teoria Semiolinguística, que os indivíduos passaram a ser vistos como atores sociais, os quais, ao assumirem a posição de sujeitos linguageiros durante as trocas comunicativas, passam a estabelecer com o outro, inevitavelmente, uma relação de influência. Nessa direção, Charaudeau (2010) postula ainda que as situações de comunicação acabam conferindo aos sujeitos posições de legitimidade ao enunciarem, isto é, fazendo com que eles sempre falem em nome de alguma coisa. No discurso literário, por exemplo, o autor de uma obra ficcional projeta um narrador para dar vida ao seu projeto de escrita assegurado pela legitimidade que aquela posição de escritor lhe oferece para enunciar de acordo com os códigos e leis próprios do universo literário.

Entretanto, na maioria das vezes, não basta ter a legitimidade para enunciar, é preciso investir na credibilidade para conquistar a atenção e adesão do interlocutor. Para que isso aconteça, de forma consciente ou não, o sujeito utiliza de estratégias discursivas na tentativa de influenciar o seu interlocutor a pensar e/ou agir de uma determinada maneira. São elas:

1) o modo de *estabelecimento de contato* com o outro e o modo de *relação* que se instaura entre eles; 2) a construção da imagem do sujeito falante (seu *ethos*); 3) a maneira de tocar o afeto do outro para seduzi-lo ou persuadi-lo (o *pathos*) e 4) os modos de organização do discurso que permitem descrever o mundo e explicá-lo segundo os princípios da veracidade (o *logos*) (CHARAUDEAU, 2010, p.59).

De acordo com esse pensamento, a relação entre os sujeitos de um ato de linguagem é mediada pelos processos de regulação – a forma como o contato é estabelecido –, identificação – a imagem construída pelo sujeito enunciadador para ser aceita –, dramatização – o jogo feito com os sentimentos e emoções a fim de provocar boas ou más reações – e de racionalização – a maneira como o discurso é construído para contar e justificar as proposições acerca do mundo.

Neste trabalho, faremos um recorte e abordaremos, mais especificamente, os processos de identificação e dramatização no discurso literário de Fontes Ibiapina. Por essa razão, trataremos de forma mais detalhada cada um deles a seguir.

No tocante ao *ethos*, compartilhamos com Amossy (2019, p.9) o entendimento de que “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Sendo assim, o locutor não precisa dizer explicitamente quem ele é, pois sua maneira de ser, dizer e o conteúdo de seu discurso já são suficientes para a construção dessa identificação por parte do interlocutor. Além disso, como pontua Charaudeau (2017), o *ethos* pode também ser visto como um cruzamento de olhares, pois ele é resultante tanto da imagem que se tem previamente do locutor, daquela construída por meio de seu dizer, quanto também da imagem que aquele que enuncia constrói de seu interlocutor, do que ele possivelmente pensa dele.

Maingueneau (2018) teoriza esse processo utilizando os termos *ethos* pré-discursivo (ou prévio) e *ethos* discursivo, para se referir, respectivamente, à imagem que se tem previamente do sujeito que fala e aquela construída a partir de seu dizer. Neste trabalho, optamos pela definição de *ethos* prévio e *ethos* presente, conforme propõe Galinari (2014), visto que falar que existiria um *ethos* discursivo levaria a crer que o outro tipo não seria discursivo, mas anterior a esse evento, causando contradições com a própria definição de *ethos* aqui assumida anteriormente.



Na contramão do *ethos* retórico, que estaria ligado ao ato de enunciação e à oralidade, compreendemos que:

[...] todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma *vocalidade* específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciador (e não, está claro, do corpo do locutor extradiscursivo), a um *fiador* que, por meio de seu *tom*, atesta o que é dito; o termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral (MAINGUENEAU, 2018, p.271).

Diante dessas considerações, é importante mencionar que o *ethos* pode servir para construir a imagem de um sujeito (*ethos* singular) ou de um grupo (*ethos* coletivo). Analisando o discurso político, Charaudeau (2017) observa não só isso, mas que existem duas outras categorias que permitem classificar os tipos de *ethé*<sup>3</sup> em *ethos* de credibilidade e *ethos* de identificação. O primeiro deles estaria ligado à razão e corresponderia ao preenchimento de algumas condições por parte do sujeito falante que pudessem torná-lo digno de crédito: a de sinceridade/transparência, a de performance e a de eficácia, cada uma delas projetando diferentes *ethé*, como os de sério, virtuoso ou de competência. Já os *ethé* de identificação apostam no afeto, isto é, buscam construir identificações de si mesmo ou do outro que toquem os indivíduos de alguma forma; estas são diversas e até mesmo contraditórias, mas podem se apresentar, por exemplo, por meio dos *ethé* de potência, caráter, inteligência, humanidade, chefia, solidariedade, tradição, modernidade etc.

Quanto ao *pathos*, devemos ter em mente que, no processo de dramatização, a emoção que um discurso poderá causar nos sujeitos é totalmente relativa, porque, de um lado, está a predisposição da materialidade discursiva de provocar emoções por meio de efeitos patêmicos e, de outro, a emoção realmente sentida (ou não) pelo interlocutor, que pode ainda ter reações positivas ou negativas. Uma forma de analisar esse processo é por meio das categorias patêmicas, que são classificadas em: “tópica da “dor” e seu oposto, “o prazer”; tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; tópica da antipatia e seu oposto, a “simpatia” (CHARAUDEAU, 2007, p.243). Como em alguns discursos, a exemplo do literário, a reação daquele que o recebe é totalmente imprevista, somos levados a considerar a situação de comunicação, o contrato e os saberes de crença envolvidos, para construirmos hipóteses sobre os efeitos patêmicos possíveis que aquele discurso poderá causar no leitor.

---

3 Ao utilizarmos o termo “*ethé*” estamos nos referindo ao plural de *ethos*.  
*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1*



Antes de finalizar esta etapa, gostaríamos de pontuar que reconhecemos que as categorias propostas por Charaudeau para o trabalho com as estratégias discursivas (ou provas retóricas) foram pensadas para serem aplicadas no discurso político. Entretanto, reconhecemos igualmente a importância de tais estratégias para o funcionamento do discurso literário, que pressupõe uma relação de influência entre o autor, narrador e leitor de suas obras. Por isso, acreditamos na aplicabilidade e pertinência deste referencial teórico para a análise das estratégias discursivas presentes no romance *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina.

### **O romance *Vida Gemida em Sambambaia* e suas circunstâncias de discurso**

A obra *Vida Gemida em Sambambaia*, de autoria do piauiense Fontes Ibiapina, publicada oficialmente em 1985, consiste em um romance que trata dos impasses, dos sofrimentos e da suposta singularidade da população de Sambambaia<sup>4</sup> – um povoado localizado no interior do município de Picos (PI). O relato abrange um percurso temporal que vai de 1932 até 1953, começando pela perspectiva inocente de um menino, filho de fazendeiros, sobre a desastrosa seca de 1932 na região. Adiante, o olhar de um narrador onisciente e em terceira pessoa descreve as figuras daquele lugar, focalizando, principalmente, a história de Alonso, um trabalhador agregado, que vive de sua mão de obra para sustentar a sua família, tentando sobreviver às privações de um espaço nordestino caracterizando pela escassez de chuvas, de oportunidades para os pobres e abandonado pelo poder público.

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina (1921-1986) é o sujeito que está por trás da figura de um dos mais emblemáticos escritores da literatura piauiense, tanto pela sua vasta produção para a literatura, folclore e teatro, ao todo 38 obras, quanto também pela sua preocupação constante em registrar o espaço e o povo piauienses. Nascido na fazenda Lagoa Grande, nos arredores de Picos (PI), ele possuía uma dupla carreira de escritor e juiz, e, por isso mesmo, colecionava amizades, nas quais, juntamente com as lembranças de sua infância e adolescência, encontrava a inspiração para muitos dos enredos e personagens de suas obras. Eneas Barros,

---

4 O termo “Sambambaia”, na verdade, parte das observações de Fontes Ibiapina sobre a oralidade do povo dessa região, a qual, na realidade, recebe o nome de “Samambaia”, mas que é comumente reproduzido daquela outra forma no falar de seus moradores. Geograficamente, Samambaia configura-se como um povoado localizado no interior do município de Picos, pertencente a um dos 26 estados brasileiros, no caso, o Piauí.

neto do autor, comenta sobre isso em relato, destacando também a sua relação íntima com a memória, a quem Nonon recorria em busca de realizar o seu desejo de captar e descrever o mundo que o rodeava, mesmo que quase sempre fazendo uso de um realismo cruel (BARROS, 2020).

A carreira de Fontes Ibiapina como escritor começou a partir dos anos 1950, sendo marcada com a publicação do livro *Chão de meu Deus*, em 1958, no qual o escritor reuniu os contos que anteriormente escrevia e submetia para concursos locais e nacionais. Pela linguagem, temas e estilo, o autor pode ser considerado como um regionalista. Mas, como semelhante classificação pode parecer extemporânea se levarmos em consideração o contexto nacional, é necessário reconhecer as especificidades do sistema literário piauiense.

Para tanto, recorremos a Araújo (2007), que associa a produção literária de Fontes Ibiapina ao Movimento do Meridiano. Por essa razão, acreditamos que algumas características desse grupo podem ser observadas em *Vida Gemida em Sambambaia*, principalmente na ênfase no que seria o modo de viver e de se relacionar dos sujeitos do sertão piauiense. Aliado a isso, a temática das secas e a representação do Piauí como espaço rural e tradicional são traços marcantes da ficção de Ibiapina. Isso porque:

Os membros do Meridiano, oriundos do interior do Piauí ou pertencentes a famílias ligadas ao meio rural, fixaram a imagem literária do Piauí como “Província” nordestina, “paisagem bucólica”, espaço manso e monótono, que muito lentamente ia se modificando pela introdução de elementos modernos, como o caminhão e o cinema (RABELO, 2008, p.31).

Mas, considerando o caso de Nonon, essa postura não deve ser vista como uma mera escolha estética ou temática, pois possivelmente está relacionada à conjuntura social, política e ideológica de emergência de sua referida obra. Esse romance foi anunciado como um dos primeiros de Fontes Ibiapina, conforme Rabelo (2008), mas só foi publicado décadas depois quando foi ganhador do 7º Concurso Nacional do Clube do Livro. Sendo assim, considerar apenas o contexto imediato de sua publicação não parece, ao nosso ver, a melhor opção, pois, aparentemente, trata-se de um romance trabalhado ao longo da carreira de seu escritor, sendo necessário questionar, nesse momento, a influência dessa conjuntura mais ampla para a configuração da obra tal qual ela se apresenta para o leitor.

Nascimento (2010), discutindo sobre a construção de imagens do Piauí e de sua capital, Teresina, pela imprensa local, aponta dois momentos e tendências de representação do Piauí ao

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1* 139

longo dos anos. No primeiro deles, entre as décadas de 1950 e 1960, a tendência era afirmar e denunciar a condição de pobreza e subdesenvolvimento em que o estado se encontrava diante do cenário nacional. Já no segundo, que compreende a primeira metade da década de 1970, o interesse passou a ser o de veicular imagens positivas a seu respeito, algo que contribuiria com os planos do governo militar de desconstruir a imagem de miséria e subdesenvolvimento, pois o objetivo era mostrar os feitos da gestão de Alberto Silva, incluindo a impressão de que o Piauí estava caminhando em direção ao progresso econômico.

A partir de então, mesmo que boa parte da população continuasse a viver no campo, os efeitos desse projeto de modernização começaram a repercutir nas sociabilidades tradicionais, obrigando a população a migrar para as cidades, principalmente a capital, em busca de melhores condições de vida. Diante do crescimento acelerado dos centros urbanos, os pobres foram as maiores vítimas, passando a viver em condições precárias e, muitas vezes, sem moradia, o que contribuiu para o surgimento de enunciados saudosistas sobre o Piauí e a Teresina de duas ou três décadas atrás (NASCIMENTO, 2010).

Não muito tempo depois dessa onda de modernização e de suas consequências para as formas de organização tradicionais, chega a público o romance *Vida Gemida em Sambambaia*, revisitando um passado não tão distante, em que o Piauí é apresentado como um: “Chão que de um-tudo dá aos pobres num ano bom de inverno” (IBIAPINA, 1985, p.120). Um território, que segundo o narrador, “Sem esse tal de arado eram as zonas que mais produziam legumes no Estado... veja com ele!” (IBIAPINA, 1985, p.89-90). Que possuía um povo cheio de costumes, crenças e superstições, sempre dispostos a trabalhar, sem preocupações com economias ou com o futuro, pois “se um dia a necessidade bater-lhe à porta, acreditam: seja feita a vontade de Deus” (IBIAPINA, 1985, p.88). Mas, apesar disso tudo, era uma região atormentada pela seca e pela indiferença do governo, como demonstra o seguinte trecho:

O nosso velho Piauí parecia querer pegar fogo de uma vez. No município de Picos, celeiro-mor do Estado, dona miséria encarapitada no cavalo da fome, era como se batesse palmas, dançasse, gargalhasse naquelas choupanas de taipa e chão-batido. E aquelas vivalmas sem destino certo. (IBIAPINA, 1985, p.18).

Considerando isso, é possível inferir que o romance de Fontes Ibiapina é atravessado pelas formas cristalizadas de representação do Piauí ancoradas no imaginário da pobreza e subdesenvolvimento. E que, ao retomar certos acontecimentos do passado, como as crises

enfrentadas pela população diante das secas, havia uma possível intencionalidade de ir atrás das raízes do atraso do estado, ao passo em que deixava subentendido que a região oferecia condições propícias para ajudar no progresso nacional, mas que o principal problema era a falta de investimentos. Com isso, mesmo retomando temas e debates de décadas atrás, a obra não deixava de apresentar um ar de novidade e importância para a sociedade piauiense dos anos de 1980, pois colaborava para o enriquecimento da memória cultural do estado.

Nesse sentido, a referência aos costumes, crenças e superstições do povo de Sambambaia vai ao encontro do que almejava o governador Alberto Silva, nos anos 1970, quando fundou o Plano Editorial do Estado, com o intuito de promover a divulgação de discursos identitários sobre o Piauí, investindo naqueles que enfatizassem as riquezas da região, que seria uma forma de maquiagem a imagem de pobreza e subdesenvolvimento. Fontes Ibiapina teve algumas de suas obras financiadas por esse projeto, apesar de continuar investindo em representações tradicionais dos espaços, de caráter conservador e antimodernas. A repulsa que o autor tinha pelo caminhar dos tempos, preferindo voltar a sua atenção para o passado, era produto de sua pretensão de colocar a cultura e a sociedade em planos separados, ou seja, de ignorar as circunstâncias em que produzia suas obras e reproduzir, por mais anacrônico que parecesse, os temas e formas de expressão do passado, os quais ele procurava preservar. Politicamente, a figura de Nonon também era conservadora, aproximando-se dos intelectuais que viam a ditadura como uma solução para a ordem e desenvolvimento do estado (RABELO, 2008).

É a partir dessa visão conservadora e tradicionalista para a cultura e sociedade que o romance *Vida Gemida em Sambambaia* é gestado, sendo ela observada, por exemplo, na linguagem regional, no espaço rural, na ênfase nos costumes e valores do passado, assim como nas imagens do vaqueiro, da roça, das secas, em suma, uma configuração social distante das pretensões de modernidade em que a obra foi publicada.

### **Os processos de identificação e dramatização no discurso literário de Fontes Ibiapina**

Nas obras literárias, como ocorre em todo ato de linguagem, o contrato de comunicação estabelecido é mediado por uma relação de influência entre os sujeitos envolvidos, que seria uma tentativa de fazer o outro aderir a um determinado universo de ideias. Para que isso aconteça, naturalmente, é de se esperar que o narrador e os personagens (os protagonistas do *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1*

ato de linguagem) invistam tanto em suas posições de legitimidade quanto de credibilidade. Enquanto a primeira está previamente assegurada pelo papel que cada um desempenha naquela situação comunicativa, só precisando ser reafirmada, a segunda é construída ao longo do ato linguageiro a partir de algumas estratégias discursivas presentes, por exemplo, nos processos de identificação e dramatização.

Sabendo disso, demonstraremos, a seguir, como tais processos se fazem presentes no romance *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, assim como a importância deles para o funcionamento do discurso literário materializado na obra em questão.

### **O *ethos* e o processo de identificação**

No discurso literário, para conquistar a adesão do leitor, fazendo-o “mergulhar” em um determinado universo ficcional, a imagem construída dos personagens e do próprio narrador são muito importantes. Estamos falando aqui de uma estratégia discursiva conhecida como *ethos*. Segundo Charaudeau (2010), ele pode ser de credibilidade ou de identificação e ser utilizado por um sujeito para projetar uma imagem de si mesmo ou de outro indivíduo (*ethos* singular) ou ainda de um grupo (*ethos* coletivo). Além disso, ele é apoiado tanto no que é dito e sua maneira de dizer (*ethos* presente), quanto nos saberes já partilhados a respeito de quem se fala (*ethos* prévio).

No romance *Vida Gemida em Sambambaia*, o seu narrador, apesar de não revelar a sua identidade explicitamente, acaba projetando uma imagem de si pelo simples modo como constrói a narrativa. Como exemplo, a seguinte passagem do romance: “**Setembro. Mês das chuvas-dos-cajus. Quase no fim. Dia 28.** De repente, o trovão gemeu dentro da noite. Gemeu dentro da Seca. Pode também dizer que gemeu dentro dos sambambaienses, de muitas e sem conta barrigas com uma fome lascada” (IBIAPINA, 1985, p.69, grifo nosso). Utilizando dos tipos de *ethé* de credibilidade e atendendo às condições de sinceridade/transparência, o narrador constrói o seu discurso investindo em efeitos de realidade, procurando fazer o leitor acreditar que aquilo que ele narra é verossímil. Para isso, ao apresentar as marcações temporais e uma descrição realista dos acontecimentos, ele projeta para si um *ethos* de competência. E, para reforçá-lo, o faz por meio dos tipos de *ethé* de identificação, mais especificamente, os de testemunha e conhecedor, os quais colaboram para que o leitor o veja como alguém digno de narrar com precisão aquela história.

De maneira semelhante, os personagens também acabam projetando imagens de si para a construção de suas identificações. Nesse sentido, observa-se com frequência na fala de alguns deles a presença dos *ethé* de identificação. A exemplo:

— **Posso é morrer de fome. Posso me acabar por uma vez, mas daqui não saio, nem que a vaca tussa.** Daqui ninguém me tira, nem mesmo a Seca. Daqui só me vou quando me apagar por uma vez para este mundo velho cheio de tantos e mais tantos sofrimentos sem limite e sem tampa. Pode ser que o gado de seu Zacarias da Mata (que eu sou vaqueiro) morra. Pode ser, porque uma Seca danada destas nem o Diabo das Profundas aguenta. Mas não por falta de cuidado de minha parte. **Enquanto houver uma cabeça de macambira por esses biboques, garanto como dou conta do recado pelo risco. Algumas criações que tenho das sortes do ano passado, vou roendo com a mulher e os filhos** (IBIAPINA, 1985, p.28-29, grifo nosso).

A fala do personagem Alonso, no fragmento acima, nos mostra como, para demonstrar a sua disposição para enfrentar de frente as privações da seca, ele, preenchendo as condições de performance e de eficácia, projeta para si um *ethos* de sério e de competência. Aliado a isso, quanto aos *ethé* de identificação, observa-se a presença dos de potência e de tradição. Diante disso, faz-se presente um imaginário nas imagens projetadas por esse fiador que remetem ao discurso do sertanejo forte.

Ao lado dessas imagens que dizem respeito a um único fiador, é recorrente também na obra a presença de um *ethos* coletivo, utilizado, sobretudo, para construir uma identificação dos moradores de Sambambaia e dos retirantes que por ali passam. A respeito dos tipos de *ethos* de identificação, os retirantes são, de modo geral, associados aos *ethé* de sofrimento, tradição, necessidade e pobreza. O seguinte trecho revela isso muito bem:

Lá se vinham começando as arribadas para o Maranhão. De quando em vez, via-se **um pobre pai de família** arrumar os cafiotes, adereçar os teréns, fechar as portas do rancho, lançar assim um olhar triste para a caatinga nua da cabeça aos pés, jogar os cacarecos na cabeça e pisar na tábua do mundo. Lá se ia ele com a raça toda! **Mas sempre naquela esperança besta de um dia feliz voltar.** Voltar para morrer em Sambambaia, porque quem em Sambambaia nasceu só em Sambambaia deve um dia terminar os seus dias de vida. Ia a pés. Geralmente com **uma mulher magra, de rosto escavado, olheiras fundas e olhos de cabra morta. E uma ninhada de filhos pequenos, magros e barrigudos, chupando o dedo e de cara rajada de comerem terra** (IBIAPINA, 1985, p.18-19, grifo nosso).

A forma como essa identificação é construída também vai ao encontro de um *ethos* prévio acerca da figura dos retirantes do sertão nordestino. Para muitos, esse retrato de misérias

é exatamente a imagem daqueles que vivem por essas regiões. E na mesma direção está a identificação dos moradores de Sambambaia feita pelo narrador:

A pobreza passando miseravelmente. Vida de cachorro, uma vida daquelas. **Quase que todo mundo sofria em Sambambaia, porque mesmo em Sambambaia quase todo mundo era pobre.** Até os arranchados tinham lá também suas dores-de-cabeça ao verem, além de tudo, todo o criatório se acabando sem se ter para onde apelar (IBIAPINA, 1985, p.31, grifo nosso).

Como podemos perceber acima, o narrador utiliza de dois tipos de *ethos* de identificação na construção desses personagens: o de pobreza e o de sofrimento. São essas as imagens que mais reverberam ao longo da obra para a identificação desses sujeitos. Indo um pouco mais além, junto a elas também se observa os *ethé* de inocência, fé e superstição, como nos mostra a seguinte observação do narrador ao vê-los amedrontados diante da ameaça de um novo período de secas:

A matutada passava o dia todo com os olhos dependurados no nascente. Acontecia, porém, que não aparecia nuvem de jeito qualidade – nem nimbos, nem estratos, nem mesmo cúmulos. **Também se dava que ninguém perdia a esperança, porque um porco de Nossa Senhora escaramuçou arrastando uma palha** (IBIAPINA, 1885, p.69, grifo nosso).

A religiosidade e a superstição são traços muito utilizados no romance para evidenciar os aspectos culturais dos personagens do sertão piauiense. Em contrapartida, a imagem de inocência associada a eles geralmente implica a da ignorância. A personagem Margarida, por exemplo, uma jovem negra, pobre e sem estudos, ao se ver apaixonada por Jacinto, um rapaz branco, com condições financeiras e conhecido pela sua fama de galanteador, acaba não resistindo a suas investidas, algo que o narrador justifica atribuindo a ela uma posição social de inferioridade e ignorância:

Margarida não compreendia bem o que Jacinto lhe dizia. Apenas sentia que Jacinto dizia-lhe uma coisa bonita. Uma coisa que só mesmo quem estudou no grupo da cidade podia saber dizer. Ah! quem dera que um dia botassem um Grupo Escolar em Sambambaia! Quem o dera!... Iria também aprender coisas bonitas” (IBIAPINA, 1985, p.130, grifo nosso).

Com isso, observa-se como Margarida é associada a um tipo de *ethos* de identificação, no caso, o de ignorância, e isso tanto como uma forma de justificar a sua ingenuidade, quanto



de denunciar a condição em que vivia a população daquela região. Considerando as suas circunstâncias de produção, percebe-se que essas imagens citadas anteriormente, apesar de serem bastante estereotipadas, eram utilizadas com uma suposta intenção de trazer para as letras o drama de um povo que historicamente foi apagado da história nacional e regional. Para tentar quebrar esse silêncio, o narrador recorre também a uma intensa dramatização para sensibilizar o seu público leitor almejado, como veremos a seguir.

### **O *pathos* e o processo de dramatização**

O *pathos*, assim como o *ethos*, também possui um grande papel no funcionamento dos discursos literários. Como se sabe, para que uma obra conquiste a adesão do leitor, é muito importante a maneira como ela joga com as suas emoções e sentimentos, sejam eles bons ou ruins. Sabendo disso, discutiremos, a seguir, acerca da presença das categorias patêmicas no romance *Vida Gemida em Sambambaia*, demonstrando os cenários/figuras por elas mobilizados e algumas hipóteses a respeito dos lugares pensados para o leitor.

Primeiramente, ao lado das questões da seca, sofrimento e abandono enfrentadas pela população de Sambambaia, este romance de Fontes Ibiapina também retrata o drama vivido pelas prostitutas daquela região. Com isso, em algumas passagens o leitor se depara com as histórias de dor e angústia dessas figuras personificadas nas personagens Antônia Sipaúba e Ana da Chapada, duas amigas vivendo há anos naquele ofício devido à necessidade. Para visualizar melhor essa situação, observemos o seguinte trecho de um diálogo realizado entre elas:

**— Dormi um sono de rica ontem à noite, Ana da Chapada. Comprei uma rede sábado, lá na feira, como o apuro das esteiras. Tapuirana! [...] Aí me esparramei. Me abri dentro dela, acendi o cachimbo, tirei umas boas baforadas e agarrei no sono. [...] Quase que oito anos de esteira. Me lembro bem. Em verdade, na Seca, eu tinha uma tipóia velha poída e remendada. Quando me deitava, todo jeito que fazia no corpo pra me virar, ela ia se rindo e se rasgando. (Até as redes velhas mangam das misérias da gente num ano de Seca). Não deu que durar. Acabou-se antes do fim do ano. E lá me fui lombar chão duro na esteira. Só agora voltei ao gosto e regalo de estirar o espinhaço numa rede. Pois é. Sofri que nem sovaco de aleijado, na maldita esteira de palha (IBIAPINA, 1985, p.116, grifo nosso).**

Nessa fala de Antônia Sipaúba, observa-se, inicialmente, a presença de uma tópica do prazer a partir de um cenário de contentamento e de uma figura de satisfação da personagem

diante da oportunidade de uma noite de sono um pouco mais confortável em sua rede nova. Adiante, ao narrar os maus bocados que já passou na vida, a partir de um cenário de tristeza e de uma figura de sofrimento, surge também uma tópica da dor. Ambas caminham em direção a fazerem o leitor se compadecer por aquela situação, assumindo um possível lugar de adesão/aproximação.

Coisa semelhante acontece em um outro diálogo, mas dessa vez entre os personagens Alonso e Maria do Céu. Ao deparar-se diante da ameaça da morte, aquele se despede de sua mulher depositando a sua confiança nela e nas forças divinas para cuidarem de seus filhos. Vejamos um recorte dessa conversa:

— **Estou certo que desta não escapo. Mas Deus é Grande. Maior que todos os homens da Terra emendados uns nos outros. Deus é Grande.** Deixou pra me levar, graças a Ele mesmo, num ano de fartura como bem poucos vistos nesta terra nossa. Vão vocês todos ficar de barriga cheia — fartos, sem susto de vida. Deus é Grande, meus filhos; Deus é Bom, minha velha. E tenha cuidado com nossos santinhos-de-tripa, nossos rebentos, especialmente os pequenos. **Se um dia por acaso houver necessidade, roube pra eles não morrerem de fome. Já que estamos só nós dois aqui no quarto, mais uma vez eu lhe digo e não se esqueça disto: Roubar pra não morrer de fome, não é feio, não é crime, não é pecado. E me perdoe, por amor de Deus, as raivas que lhe fiz. Sei que muitas vezes errei, mas ninguém vive no mundo sem errar** (IBIAPINA, 1985, p.112, grifo nosso).

Por meio de um cenário de confiança e de uma figura de apelo, essa fala cansada do personagem Alonso acaba projetando uma tópica de esperança. Ao mesmo tempo, considerando o cenário de tristeza e a sua figura de sofrimento, observa-se novamente a presença da tópica da dor. Logo ao final, assumindo um cenário de benevolência e uma figura de compaixão, vemos ser projetada a tópica da simpatia. Todos esses efeitos patêmicos projetados pelo discurso do personagem também implicam uma posição de adesão/proximidade para o leitor, do qual possivelmente espera-se uma identificação ou compadecimento.

Por outro lado, o narrador também não deixa de projetar efeitos patêmicos por meio de suas falas. Elas funcionam, muitas vezes, como palco de denúncias da condição em que estão inseridos os seus personagens do sertão piauiense. A exemplo, ao narrar as desastrosas consequências de mais um período de secas para a região, a sua seguinte observação:

**A cada dia que Deus dava, a fome se apoderava de mais uma casa.** Por aquelas pontas-de-morros, de quando em vez, plantava-se mais uma cruz nova. **O povo morrendo; o povo se indo. Da pura fome!** Uns vendiam o que tinham, por pouco

mais ou nada; outros nada vendiam, por nada de seu possuírem, e se largavam sem destino certo neste mundo velho de meus Deus (IBIAPINA, 1985, p.156, grifo nosso).

A exclamação presente na fala do narrador revela um cenário de medo e uma figura de terror de sua parte. Ambas colaboram para a projeção de uma tópica da angústia. Esta, da forma como é apresentada na obra, busca possivelmente colocar o leitor diante de um lugar de adesão/proximidade, levando-o a compartilhar de um sentimento semelhante de indignação diante de cenas como aquela.

Ademais, uma outra tópica também presente na obra é a da antipatia. Ela é bastante utilizada para denunciar as desigualdades sociais e os abusos cometidos pelas autoridades. No exemplo abaixo, um pedaço da conversa entre Caçote da Madalena e Pedro Novo revela a presença dessa tópica da antipatia, projetada, no caso, a partir de um cenário de cólera e de uma figura de aversão por parte do personagem:

— [...] Gente pobre não faz negócio feio, porco. **Os ladrões de hoje são os ricos.** Só eles sabem, só eles podem roubar nesta terra. Quando me lembro ter perdido minha casinha e minha rocinha na maldita Tombação, não sei nem o que dizer. **Fico com um nó nos peitos, da pura raiva. Se pudesse, matava aqueles cretinos** (IBIAPINA, 1985, p.105, grifo nosso).

Diante de exemplos como esses, observamos que no romance *Vida Gemida em Sambambaia* as categorias patêmicas também são utilizadas como uma possível estratégia para conquistar a adesão da parte de um determinado público leitor que possa vir a se sensibilizar diante desse cenário.

## Considerações finais

Para finalizar, gostaríamos de destacar que a análise dos processos de identificação e dramatização no romance *Vida Gemida em Sambambaia*, de *Fontes Ibiapina*, permitiu-nos demonstrar como o discurso literário também funciona como um espaço de influência, visto que mobiliza em sua construção as estratégias discursivas necessárias para tentar promover a adesão do leitor a um determinado universo ficcional.

Dessa forma, ao explorarmos a categoria do *ethos*, estratégia que se manifesta através do processo de identificação, notamos a recorrência de um *ethos* coletivo, aplicado para construir identificações de muitos personagens baseadas nos *ethé* de sofrimento, tradição, *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jan-jun, 2022- ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 1*

necessidade e pobreza; imagens que fazem parte de um imaginário historicamente empregado para construir representações dos sujeitos do campo e das regiões nordestinas.

Aliado a isso, ao analisarmos a categoria do *pathos*, estratégia que se manifesta através do processo de dramatização, verificamos a predominância da tópica da dor, adotada, possivelmente, com a finalidade de se aproximar do leitor, fazendo-o identificar-se e comover-se com o drama narrado.

Portanto, como considerações finais, reforçamos a existência de um enlace entre o romance e as suas condições de produção, da linguagem com a sociedade, assim como de uma aplicabilidade do referencial teórico-metodológico da ADS para o trabalho com o discurso literário.

### Referências bibliográficas

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p.9-27.

BARROS, E. Fontes Ibiapina de fio a pavio. *Piauí.com.br*, [s. d.]. Disponível em: <[http://www.piaui.com.br/turismo\\_txt.asp?ID=513](http://www.piaui.com.br/turismo_txt.asp?ID=513)>. Acesso em: 20 out. 2020.

CASTELO BRANCO, L. F. S. Na trilha dos imaginários: os saberes de crença e a organização descritiva na literatura de autores piauienses. *Form@re – Revista do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*. Universidade Federal do Piauí, v. 9, n. 2, p.129-142, jul./dez de 2021a. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/13351>. Acesso em: 14 fev. 2022.

CASTELO BRANCO, L. F. S. O Piauí na teia dos discursos: os imaginários sociodiscursivos na ficção de Fontes Ibiapina. In: MOURA, J. B.; ROCHA, M. S. *Semiolinguística e Retórica: interfaces*. Teresina: Editora Pathos, 2021b. Disponível em: <<http://editorapathos.com.br/semiologia-e-retorica-interfaces/>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I. L.; Menezes, W.; MENDES, E. (org.). *As Emoções no Discurso*, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

CHARAUDEAU, P. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. *Análises do discurso hoje*, vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), 2010, p.57-78. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-propagandista-uma.html>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CHARAUDEAU, P. A argumentação em uma problemática da influência. *ReVEL*, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. Tradução de Maria Aparecida Lino Pauliukonis. [www.revel.inf.br].

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

CORRÊA-ROSADO, L. C. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. In: *Revista memento*. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, julho-dezembro de 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>>. Acesso em: 15 out. 2020.

GALINARI, M. M. Logos, ethos e pathos: “Três lados” da mesma moeda. In: *Alfa, Revista de Linguística* (São José do Rio Preto) [online], São Paulo, v. 58, n. 2, p. 257-286, jun./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n2/1981-5794-alfa-58-02-00257.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

IBIAPINA, F. *Vida Gemida em Sambambaia*. São Paulo: Clube do Livro, 1985.

LOPES, M.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; MOURA, J. B. *Linguagem, discurso e produção de sentidos*. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1E4p24MwtwEIYLOBy9Cv86l8P1ww5IsmP/view>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MOURA, J. B.; BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; LOPES, M. (org.). *Sentidos em disputa: discursos em funcionamento*. São Paulo: Pedro & João editores, 2017. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3UnpkbjQj5xsuXK0zYf/view>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MOURA, J. B. *Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte: um retrato do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1xzM2rZt7a1Y2mQUMF5z\\_lgmKR6WsTgG9/view](https://drive.google.com/file/d/1xzM2rZt7a1Y2mQUMF5z_lgmKR6WsTgG9/view)>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MOURA, J. B.; LOPES, Maraisa (org.). *Discursos, imagens e imaginários*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 358p. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/172snYhu2fwF0Wpd-blplg4dQa5H2Whh6/view>> Acesso em: 15 jan. 2021.

MOURA, J. B.; MAGALHÃES, F. L. (org.). *Fluxos discursivos na sociedade em rede*. São Carlos: Pedro & João editores, 2021. Disponível em: <<http://editorapathos.com.br/fluxos-discursivos-na-sociedade-em-rede/>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NASCIMENTO, F. A. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários na década de 1970. *Clio-Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 28, n. 1, 26 p., 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24240>. Acesso em: 21 out. 2020.

OLIVEIRA, F. J. F. Uma análise semiolinguística do conto “O homem dos sonhos”, de Mário de Sá-Carneiro. In: MOURA, J. B.; ROCHA, M. S. *Semiolinguística e Retórica: interfaces*. Teresina: Editora Pathos, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiolinguistica-e-retorica-interfaces/>. Acesso em: 10 out. 2021.

RABELO, E. A. *A História entre Tempos e Contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 200, 2008.

## **A SEMIOLINGUISTIC ANALYSIS OF THE IDENTIFICATION AND DRAMATIZATION PROCESSES IN THE LITERARY DISCOURSE OF FONTES IBIAPINA**

**ABSTRACT:** The analysis of literary discourse expands the understanding of how the process of production of meanings takes place in the fictional universe. With this in mind, this work seeks to offer a semiolinguistic analysis of Fontes Ibiapina's literary discourse. Therefore, we selected as a *corpus* his book *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), a classic regionalist novel about the passage of drought in the Piauí “sertão”. This is an applied study with a qualitative approach and a descriptive and documentary nature. As a theoretical basis, we used the Semiolinguistic Theory, mainly from the works of Charaudeau (2007, 2010, 2016, 2017). Thus, we seek to identify the presence of the categories of *ethos* and *pathos*, through identification and dramatization procedures, as discursive strategies for the staging of this narrative. Overall, we observe the constant presence of a collective ethos in character identification based on images of suffering, tradition, need, and poverty. Moreover, we notice a predominance of the topic of pain for the construction of its dramatization. However, we demonstrate the applicability of Semiolinguistics to work with literary discourse, reinforcing that it also works from an influence issue.

**KEYWORDS:** Literary Discourse, Semiolinguistic Theory, Piauí, Fontes Ibiapina.